

ÉS TU

FEDERICO MOCCIA

ÉS TU

Tradução de
DIOGO MADRE DEUS



BERTRAND EDITORA
Lisboa 2016

1.

Na vida há muitas coisas que nos acontecem por acaso, apenas algumas delas conseguimos decidir nós mesmos e, quase sempre, são estas as melhores. Como a ideia de voltar a vê-la. Caminho pelo parque, com as mãos nos bolsos, e quando a vejo o meu coração bate tão forte que não tenho dúvidas.

«Ei!...», permanecemos calados a fixar-nos um ao outro, como se só um instante tivesse passado. Regressou a Roma e continua tudo igual à última vez: os cabelos castanhos com aqueles reflexos matizados sob a luz do sol, a covinha que se lhe forma na face esquerda, a pele delicada, quase transparente, que deixa entrever a sombra azul das veias nas suas mãos afiladas. Também o coração, entalhado no banco por outros que não nós, ainda ali está. Com as palavras «*Mona Mour*» mal escritas, mas cujo sentido é inequívoco. A Ann sorri, depois olha-me fixamente, talvez preocupada com a possibilidade de que alguma coisa possa ter acontecido desde que partiu, que alguém tenha roubado uma parte da nossa história. «Não», respondo à pergunta que não me foi feita. E ela parece tão feliz, como se o facto de não recorrer a uma única palavra e ainda assim dizer-se tudo seja exclusivo dos eleitos, dos enamorados, aos quais basta fitarem-se nos olhos para lerem o que vai nos seus corações. Porém, analisando bem, algo que não digo, no meu coração está escrito: «Por vezes pensei nela.» Ela, ela com E maiúsculo, ela que foi tão importante na minha vida. Tenho medo de que o meu peito rebente e que por baixo da camisola esta palavra desponte em letras capitais,

que uma letra após a outra se componha plasticamente debaixo dos olhos da Ann. Então, de modo instintivo, aperto o casaco. E, apesar de ela não me perguntar, tomo precauções, sentindo-me culpado. Como quando em pequenos partíamos um vaso e, antes que a nossa mãe se apercebesse, lhe dizíamos: «Não fui eu!» Do mesmo modo, procuro antecipá-la: «Nunca mais a vi.» Uma mentira. Mas só em parte. Porque vê-la tão nitidamente nas minhas recordações foi quase natural, bem como por vezes entrar na sua página do Facebook, passar à porta de sua casa e tentar encontrá-la, porém isso não significou nada, foi só um modo de mitigar aos poucos a dor que sentia por esta história ter findado sem motivo algum.

A Alessia, a rapariga com quem eu namorava há mais de um ano, um dia simplesmente deixou-me. Ponto. É esta a cicatriz que provavelmente jamais se poderá apagar do meu coração. A Ann parece quase intuir que estou distraído. Então, liberta-me dos meus pensamentos, segura-me numa mão, observa-a, vira-a. Como se procurasse entre as suas pregas uma explicação. Na linha da vida, da sorte, da felicidade, do amor. Percorre-as todas com um dedo e depois quase sussurra: «Eu e tu?» Profere-o sem me fixar, com a cabeça baixa, com um fio de voz que, de repente, rompe aquele seu estranho silêncio. Que bom, aprendeu inclusivamente algumas palavras de italiano. De seguida, levanta a cabeça, olha para mim a sorrir e repete: «Eu e tu.» Desta vez sem o ponto de interrogação, e eu sinto um aperto no coração, o ar falta-me, e respondo-lhe simplesmente: «Sim, nós dois.» Então ela parece tranquilizar-se, satisfeita. Respira fundo e olha à sua volta: crianças correm em redor de um escorrega, o primeiro da fila leva um empurrão, de lado, daquele que está atrás de si, de cabelo encaracolado, rapidíssimo, futuro terrorista ou campeão de corridas de obstáculos, que o afasta, posicionando-se no cimo da escada.

Duas senhoras passeiam segurando os sacos amarelos do supermercado que se situa aqui perto. Um idoso lê o jornal e, desconsolado, abana a cabeça repetidamente e bate com a mão na página, não se percebendo se pela indignação causada por uma qualquer notícia ou fruto de um simples tique nervoso. E eu digo à Ann, procurando fazer-me entender e introduzindo igualmente algumas palavras em inglês: «Este jardim parece mais belo do que o habitual ... *This place is more beautiful*. Talvez porque *you're here*, porque tu estás aqui.»

Ela olha para mim, depois apoia a mão no meu peito e repete em voz baixa e quente aquelas duas palavras que eu proferira: «Nós dois.» E esta coisa arrebatava-me, excitava-me enormemente.

Nesse mesmo instante levanta-se um sopro de vento, um arrepio percorre-me as costas, e ela continua a fixar-me do mesmo modo. Sinto agora calor e dispo o casaco, depois a camisola, a camisa, e fico em tronco nu. Por fim surpreendo-me a mim próprio a gritar a plenos pulmões: «Sim, nós os dois, nós os doiiiis!»

A Ann abana a cabeça e desata a rir: «*You're crazy...*»

Em seguida, os sons confundem-se, a luz ofusca-me, os meus olhos não conseguem focar. O cheiro de um lugar familiar... a minha casa, estou no meu quarto!

– Estavas a sonhar com a Ann, não é verdade?

– Foda-se... – Abro os olhos e levanto-me de rompante, dando de caras com o Ciccio, que me fixa de cima, com o rosto a um centímetro do meu, como quando se está no dentista.

A minha irmã Valeria está ao lado do Ciccio e também ela me observa, divertida.

– Não, estava agitado, não era um sonho feliz... estava a sonhar com a Alessia!

– Sim, que te deixava outra vez... Ah, ah... – observa o Ciccio, e a Valeria desata a rir.

Olho para eles, estupefacto.

– Ou seja, vocês riem-se do meu drama.

O Ciccio faz um gesto com a mão.

– Que exagero... chamar-lhe drama.

– Uma deixou-me, a outra partiu para os Estados Unidos sem se despedir... Acham que podia ser pior do que isto?

A Valeria não para de rir.

– De qualquer forma, a sério, agitavas-te de um modo estranho. Não se percebia se julgavas estar nos Estados Unidos e, ao passear, tinhas deparado com a Julia Roberts ou se estavas a fazer amor com alguém... de resto, não saberia dizer como te comportas nesses momentos, sei lá.

A Valeria encolhe os ombros e desaparece.

– É fixe, a tua irmã!

– Pois.... muito fixe! Eu e a Fabiola ainda nos interrogamos se foi adotada... Sorte a tua, seres filho único.

– Que estás a dizer? Se eu tivesse tido um irmão, olha, já tinha construído um império. Então, confessa lá, estavas a sonhar com a Ann, não é verdade?

– Não. Já disse que não.

– Deixa-te disso, era mais que evidente... – Senta-se à beira da cama e observa divertido a minha camisola no chão. Devo tê-la despido durante o sono. Estou de tronco nu. Como no sonho.

Levanto-me e o Ciccio segue-me. Como se não bastasse entrar-me pelo quarto adentro enquanto estou a dormir, agora também entra comigo na casa de banho.

– Olha que é perfeitamente justificável, isto é, podemos até evitar pensar nestas coisas durante o dia, mas à noite, quando sonhamos, não é mesmo possível. Isto é, não se pode censurar os sonhos, pelo contrário, talvez seja isso o melhor que eles têm. – Ergue uma sobrancelha, com ar malicioso.

Abro o chuveiro e sorrio. O Ciccio usou um bom argumento, mas eu não me deixo enganar facilmente. Senta-se na retrete.

– Isto é, lembras-te do filme *Desafio Total*?

– É a quarta vez que dizes «isto é» em dois minutos – procuro eu distraí-lo. Mas ele não se deixa desanimar.

– Vá lá, ofereci-to no Natal, na caixa que te fiz, Schwarzenegger e Sly.

– E então?

– Era aquele em que é possível predispor os sonhos, enfim, em que podes conduzir aquilo que te passa pela cabeça enquanto dormes: fixe, não é? Pena que seja só um filme, apesar de achar que muitas das coisas que vemos nos filmes mais cedo ou mais tarde acabam por acontecer! Isto é...

Estou a ponto de o matar. Porém, ele levanta a mão mostrando os dedos abertos para autodenunciar o enésimo «isto é».

– Quinto! – admite antes de prosseguir. – Se as pensamos, então, na minha opinião, são exequíveis...

– Ou são ficção científica. E depois, a maior parte das coisas que tu pensas, Ciccio, nunca as incluiriam num filme... Seria proibido!

E meto-me debaixo do chuveiro enquanto ele permanece lá fora e continua a falar, mas eu já não o ouço, ou melhor, gostaria de não o ouvir.

– Além disso, já nos aconteceu a todos. Uma vez sonhei que estava afundado num sofá com a Selenia Gomez e... adivinha com mais quem?

A Rhianna! Só que devia ter emborcado não sei quantas cervejas e dei por mim acordado com a bexiga a explodir, fui a correr para a casa de banho e depois, ao regressar à cama, tentei retomar o sonho onde este se tinha interrompido, para desfrutar dos beijinhos da Selenia, beijinhos é como quem diz. Mas, nada... Nunca te aconteceu?

Bem, tenho de admitir que sim, há alguns meses. Estava no parque de diversões, no carrossel das cadeiras voadoras, alguém me empurrava por trás, e eu gritava: «Mais força, mais força!» Depois o despertador tocou e o carrossel, felizmente, parou. Ainda tentei voltar a adormecer para descobrir quem me empurrava, quem é que me fazia voar até ao céu sem sentir medo, mas nada.

– E então, já disseste aos teus?

– Dizer o quê?

– Como o quê? Que vamos viajar!

Esfrego o cabelo com a toalha grande. Aos meus... É estranho ouvir estas palavras. Os meus, os meus já não existem. Só a minha mãe, mas não corrijo o Ciccio.

– Não, ainda não lhes disse.

– Mas porquê, foda-se, há três dias que não durmo, superei finalmente este medo fodido de viajar de avião e agora dizes-me que não vamos?

– Nunca afirmei semelhante coisa.

– 'Tá bem, mas vai dar ao mesmo, se ainda não informaste os teus...

Eu assim que decidi que ia contigo, não tive qualquer problema em dizer aos meus!

Pudera! Os pais ficarão felizes por se libertar dele, pelo menos durante algum tempo. Na minha opinião ainda não perceberam com quem anda metido e estão preocupados que de um momento para o outro a polícia lhes toque à porta para fazer uma rusga. Ou que um dos últimos herdeiros do bando da Magliana* lhes venha destruir a casa.

Enfio umas cuecas e uma camisola e vou a correr para a cozinha preparar um café. Naturalmente, o Ciccio segue-me.

* Bairro da periferia de Roma que ficou célebre na década de 1970 por albergar um grupo de criminalidade organizada cuja atividade se estendia desde o narcotráfico até ao sequestro de pessoas, com ligações a outras organizações criminosas e ao mundo político e financeiro. (N. do T.)

– Sabes que descarreguei um PDF com todos os lugares que não se pode deixar de visitar em Nova Iorque? Por exemplo, na minha opinião temos impreterivelmente de ir à Broadway.

Lá está ele, por vezes enternece-me, é mesmo ingénuo: a Broadway é precisamente uma das primeiras metas que um turista tem de cumprir, e ainda por cima de uma certa idade. Enfim, não é nada original, mas o Ciccio acha-se um pioneiro. Com o seu entusiasmo também me faz a mim pensar. Retira da sua pequena mochila uma espécie de novo guia feito por ele próprio, e até a capa é de sua autoria: uma maçã, que se assemelha a uma lua no meio do céu com dois astronautas e a bandeira de Itália em cima.

– Gostas?

– Tu estás completamente passado, Ciccio!

– Porquê? É a nossa descoberta dos Estados Unidos...

– Claro, só quinhentos anos depois de Cristóvão Colombo. Sempre adiantados, hã?

– Admito que sim, mas nós descobriremos tudo aquilo que ainda não foi descoberto. Achas que o Colombo alguma vez esteve em Williamsburg, no cibercafé frequentado pelas mais belas raparigas do planeta? Tenho de te explicar sempre tudo?

Subitamente, a ternura transforma-se numa certa admiração: desta vez o Ciccio estudou, não há nada a dizer.

E aproveita para se ir embora, como só ele sabe fazer, ele que, seja como for, está sempre alegre, mesmo depois de as duas mulheres com quem andava há já algum tempo – em simultâneo, sem saber qual das duas escolher – o terem abandonado, mesmo depois de se ter inscrito no segundo ano de Direito e ainda não ter feito um único exame, mesmo devendo oitocentos euros a um tipo que lhe vendeu uma motorizada meio avariada: porque o Ciccio é único, e, de facto, quando regresso à cozinha para apagar o lume da cafeteira apercebo-me do saco do Euclide cheio de *croissants* já frios. Trá-los sempre logo que saem do forno, mas esquece-se de avisar.

Viajar com ele vai ser realmente divertido, e depois vai ser bom para mim afastar-me por algum tempo de Roma. A minha mãe cantava sempre uma canção do Battisti que dizia que encontrar alguém era fácil mesmo numa grande cidade. No entanto, eu encontrei a Alessia só de passagem no concerto dos Coldplay há cerca de um mês.

Abro o Facebook. Nada, a sua situação sentimental continua na mesma: *single*. Em seguida, começo a vestir-me e a sentir-me a pouco e pouco mais leve, vou passar pela B&B, a imobiliária onde trabalho todas as tardes, para informar que vou viajar; ontem avisei o meu tio no quiosque e, por último, avisarei lá em casa.

Sim, neste momento tudo me parece fácil, ainda não sei que em breve me confrontarei com a escolha mais difícil da minha vida. Mas aos vinte e três anos de idade pensamos ter todo o tempo do mundo para aprender.

Bem, todo, propriamente, não, segundo a minha mãe. «Com a tua idade já eu tinha um filho», repete todas as vezes que se depara com as minhas meias sujas espalhadas pelo chão e a cama ainda por fazer.

– Mãe, mas isso foi na pré-história!